

## Grupos de vigilância:

# ESTUDAR A ACTUAÇÃO INIMIGA

**Na capital do País têm-se vindo a realizar inúmeras reuniões dos Grupos de Vigilância Popular, a nível de bairro e locais de trabalho.**

**Nas referidas reuniões são estudadas medidas concretas para o reforço da vigilância e da protecção física dos trabalhadores e residentes. Sobretudo, as reuniões têm servido para o estudo colectivo da actuação inimiga no nosso País e das características da acção criminosa dos agentes reaccionários que se infiltram nos bairros e unidades de produção.**

O comunicado do Estado-Maior General das Forças Populares de Libertação constitui um dos temas que orienta a discussão nas reuniões dos grupos de vigilância.

A tática de Smith de utilizar agentes internos para agredir alvos civis e económicos tem sido objecto de discussão.

Com efeito, alguns trabalhadores põem reticências à possibilidade de se detectarem estes traidores. «São moçambicanos como nós, falam a mesma língua, como os vamos detectar».

Um outro trabalhador disse: «O agente que foi abatido na Munhava, quando foi a sabotagem das gasolinehas, tinha a sua documentação em ordem. Assim vemos que é difícil identificar os infiltrados que vêm da Rodésia».

Na mesma reunião o debate trouxe os seus frutos. Os trabalhadores concluíram que a identificação dos reaccionários não obedece a critérios de raça, cor, língua. É preciso descobrir no comportamento estranho do agente inimigo a sua verdadeira identificação.

Um trabalhador mais idoso chamou a atenção: «Vemos por exemplo, pessoas estranhas a fazerem perguntas sobre a nossa fábrica, onde está isto, onde fica aquilo».

Quase de certeza que se trata de um indivíduo suspeito e devemos logo investigar».

Este mesmo trabalhador acrescentaria mais tarde: «Vemos que os inimigos cometem muitos cri-

mes. Eles querem que tenhamos medo, querem que nós pensemos que eles são muito fortes. E então em vez de pensarmos em organizarmos a defesa e vigilância fiquemos a tremer com medo».

O tema da acção inimiga é um «tema quente»: mesmo depois de terminada a reunião há pequenos grupos que ficam na sala a discutir, colocando problemas. Não se trata já de um comportamento emocional dos participantes mas de uma atitude consciente na procura de respostas adequadas à ofensiva inimiga.

Os resultados desta ofensiva medem-se sobretudo pela elevação da consciência política dos trabalhadores. Convém reter alguns dos pontos essenciais que têm sido focados no decorrer desta ofensiva. A organização da vigilância na frente da produção responde simultaneamente a dois objectivos.

— O de prevenir as unidades de produção, de acções de sabotagem, desvios de fundos, destruição de máquinas e equipamentos, esbanjamento.

— O de impedir que num sector onde se desenrola uma das principais batalhas da nossa Revolução, se abram brechas que facilitem a acção inimiga.

Tal como têm referido os elementos das estruturas de Segurança nas reuniões para a criação dos grupos de vigilância, a acção destes grupos de vigilância não é apenas detectar e neutralizar agentes inimigos infiltrados.

Trata-se, sobretudo, de fornecer a todos os operários e trabalhadores o sentido das manobras do inimigo, para que a acção de vigilância seja uma acção de massas e não de um pequeno grupo. Por mais eficaz que este seja não pode nunca substituir a acção colectiva dos trabalhadores.

Isto implica que os trabalhadores devem ter a iniciativa de conhecer o funcionamento da fábrica, de onde vêm as matérias-primas, as de produção, enfim, popularizar toda uma série de mecanismos de gestão e produção que, outrora só podiam ser do domínio de alguns quadros técnicos. Só assim o trabalhador está em condições de detectar qualquer coisa que identifica como anormal. Será com esse conhecimento que estarão em melhores condições de detectar qualquer acção inimiga.

Por outro lado, como também foi referido nas reuniões que decorreram em várias fábricas de Maputo, é necessário ligar a vigilância à tarefa de transformar as relações sociais e humanas no interior da fábrica. Ainda hoje se verificam os traços da alienação capitalista no trabalho: cada operário diz que tem a sua tarefa e não sabe o que se passa na secção ao lado, qual a natureza da tarefa do seu colega do lado. É necessário criar o sentido do conjunto, fornecendo uma visão global da unidade de produção.

Por último, torna-se imprescindível estudar os documentos do Partido que são indicações claras sobre o sentido político da vigilância. Como foi dito numa reunião dos secretários dos grupos de vigilância a nível de empresas «a consolidação dos grupos de vigilância depende da consciência política que atingirmos».